

PAPER

TWO BRAZILIAN CAPITALS: UMA BALIZA E MUITAS REFERÊNCIAS PARA A HISTORIOGRAFIA DE BRASÍLIA

FERNANDES, Luiz Gustavo Sobralluiz.gustavo.fernandes@usp.br ; cmartins@c.usp.br

Centro de Investigaciones de Historia de la Vivienda en América Latina

Universidade de São Paulo, USP, Brasil

Resumen

Norma Evenson viria a publicar, ainda no ano de 1973, um volume dedicado à mudança da capital brasileira – a conhecida transferência da capital do Rio de Janeiro para a nova cidade de Brasília. Este volume é, até os dias atuais, uma das referências mais utilizadas pelos pesquisadores da história da arquitetura brasileira: trata-se, indiscutivelmente, de um livro de relevância historiográfica, em um momento que a capital ainda era uma obra recente e muitos textos e trabalhos diversos haviam sido feitos sobre a nova cidade – sem, no entanto, existir um volume conclusivo sobre o processo de transferência, construção e ocupação. Este artigo objetiva olhar para o livro de Evenson de maneira panorâmica – não a partir do trabalho isolado, mas destacando sua bibliografia inicial, suas decisões de texto e seus desdobramentos nos dias atuais. Ainda que os livros e textos sobre Brasília sejam praticamente infinitos, considerando a diversidade de atores e temas abordados, vemos que Two Brazilian Capitals é uma inflexão na historiografia da arquitetura moderna brasileira, por apresentar novas narrativas que estão presentes até hoje nos trabalhos desenvolvidos pelos pesquisadores brasileiros. O artigo se finaliza com a discussão do peso e da influência deste texto, destacando possíveis outras leituras e caminhos para o debate disciplinar.

Palabras clave: Brasília, arquitetura moderna no Brasil, Norma Evenson, Brasil, historiografia da arquitetura

O livro de Norma Evenson

Muitos dos arquitetos e pesquisadores da arquitetura moderna no Brasil conhecem e reconhecem a importância de *Two Brazilian Capitals*, livro de Norma Evenson sobre a transferência da capital. É fácil perceber esse reconhecimento: em primeiro lugar, é o trabalho antigo sobre Brasília mais citado em trabalhos acadêmicos. Ainda que existam uma série de outros livros escritos próximos da publicação de Evenson, este está presente com relativa facilidade nas bibliotecas universitárias brasileiras e na boca dos arquitetos e historiadores da arquitetura. Em segundo lugar, é um trabalho que, ainda que apresente algumas limitações quando o analisamos com mais dedicação, merece reconhecimento pela primorosa coleta de dados e pela elaboração de um material de qualidade ímpar – definitivamente um livro de um historiador, não um ensaio livre ou uma declaração de amor aos eventos políticos ocorridos no Brasil nos anos 1960.

Como muitos sabem, o livro está dividido em duas grandes partes. A primeira delas se refere à antiga capital do Brasil – a cidade do Rio de Janeiro, e a segunda se dedica à cidade de Brasília. Neste artigo não seria necessário se dedicar a esmiuçar o texto de Evenson sobre a antiga capital do país, valendo apenas informar de que se trata de uma metade do livro dedicado a Copacabana, às favelas cariocas, ao Rio de Janeiro e seus urbanistas e planejadores urbanos. Não é, certamente, uma construção original – devemos concordar que a leitura cidade formal (representada por Copacabana) e cidade informal (as favelas) são bem batidas e dão um ar de leitura estrangeira da cidade. Mas, certamente, para os objetivos aqui propostos, vale um olhar aprofundado para a parte que se refere à cidade de Brasília. Após uma breve apresentação da figura do arquiteto brasileiro – uma iniciação ao modernismo brasileiro, apresentará a cidade em uma versão que vai desde os primórdios da ideia da localização da nova capital até sua efetivação, com a construção de cidades satélites e as supostas contradições da cidade real que se apresentava com seu efetivo uso. Os capítulos se dividem em 7. Brasília, 8. A evolução de uma ideia, 9. O concurso, 10. O Plano de Costa, 11. A realização de uma cidade, 12. O plano e a realidade, 13. A arquitetura de Brasília e 14. Cidades e símbolos.

Um olhar para os trabalhos presentes na bibliografia de Evenson traz descobertas muito interessantes. Entre muitos artigos de revistas nacionais e estrangeiras estão alguns livros desconhecidos ou praticamente desconhecidos. Entre eles, podemos citar os trabalhos de Moisés Gicovate (1959), Peixoto da Silveira (1959) e Osvaldo Orico (1960) – que apresentam um olhar romantizado das realizações de JK. Também encontramos os famosos livros de Goodwin e Mindlin (*Brazil Builds*, de 1943, e *Modern Architecture in Brazil*, de 1956) e um volume desconhecido do segundo autor denominado *Brazilian Architecture*, de 1961). Também é possível perceber que o último capítulo apresenta uma série de trabalhos e relatórios sobre o Plano Piloto de Brasília. Entre eles, um trabalho de José Pastore publicado no ano de 1969 – uma análise do homem que habita uma cidade planejada. A hipótese aqui desenvolvida é que esses trabalhos são parte fundamental da ‘base referencial’ do trabalho de Evenson, que por sua vez se tornaria junto com uma pequena parte deles uma perspectiva de análise da arquitetura brasileira e do acontecimento Brasília.

Os trabalhos anteriores: balizas para o trabalho de Norma Evenson

Uma série de trabalhos foram escritos sobre a cidade de Brasília antes da publicação do livro de Norma Evenson, ocorrida em 1973. Diferentemente do trabalho de Evenson, são publicações mais desconhecidas e pouco comentadas em trabalhos sobre a arquitetura moderna no Brasil. Entretanto, todos esses trabalhos são citados em *Two Brazilian Capitals* e aparecem na bibliografia elaborada pela autora para a publicação – o que indica e fornece dados sobre a base utilizada para a elaboração do texto e das ideias de Evenson. Para o debate proposto por este artigo considerou-se importante apresentar esses livros e de que maneira aparecem no livro de 1973.

Em um primeiro momento, teríamos alguns livros que seriam forte apologia às políticas desenvolvimentistas de JK e que possuem, ao que tudo indica, forte relação com o antigo presidente. Essas publicações foram realizadas no final dos anos 50 e nos primeiros anos da década de 1960 e tinham a nova capital brasileira como tema central. São publicações iniciais, que apresentam Brasília ao público em geral (e não apenas aos arquitetos, como muitos trabalhos posteriores), que apresentam Juscelino como um 'político pleno', 'homem de visão estratégica' e profundamente envolvido com o 'desenvolvimento nacional'. Os textos publicados no Brasil - Brasília: uma realização em marcha, A nova capital e Brasil, capital Brasília - tem, portanto, forte apelo emocional. Moises Gicovate chega a mencionar que “É necessário que se molde uma mentalidade de Brasília. A preparação psicológica de todo o povo, a fim de que se passe a pensar em termos de Brasília” (GICOVATE, 1959 P.10). Esta passagem não é pouco relevante, considerando que apresenta de uma forma clara o espírito por trás desses trabalhos: são uma maneira de divulgar publicamente e construir a empatia com o que era, para os autores, uma grande realização¹.

Essa é a matriz fundamental destes trabalhos iniciais, que apresentam – muitas vezes apaixonadamente – o suposto e possível desenvolvimento regional do Brasil. Despidos de um olhar crítico, apresentam uma versão romântica – quase mítica – de Brasília. Estão apegados à febre desenvolvimentista e comprometidos com JK, a quem as três publicações fazem referência direta. Peixoto da Silveira tem texto de apresentação redigido pelo próprio Juscelino. Gicovate comenta ainda na introdução de seu volume: “Não poderíamos, pois, deixar de atender ao apelo do Senhor Presidente da República no sentido de divulgar, explicar e difundir tais idéias” (GICOVATE, 1959 P.9 Grifo do autor), deixando subentendido que a publicação fora uma solicitação pessoal de JK. E Osvaldo Orico dedicou um capítulo de seu extenso volume a uma 'Oração de Brasília', redigida pelo próprio então presidente da república. Esses dados acabam por confirmar o caráter politicamente engajado e ideológico desses trabalhos.

Outros trabalhos contemporâneos aos que aqui se considera como bibliografia heroica (citados anteriormente), são os trabalhos de Goodwin (1943) e Henrique

1-São interessantes nesses trabalhos a menção à uma espécie de 'Marcha ao Oeste' no Brasil. Moises Gicovate afirma que “Brasília é o marco de ingresso do Brasil em uma nova era de grandeza e de civilização. Representa o trabalho construtor da verdadeira marcha para o oeste” (GICOVATE, 1959 P. 71). E Peixoto da Silveira também faz sua referência: “A tradução literal da 'marcha para oeste (Go West...), por exemplo, como foi proposta entre nós, deixou de ser ridícula, porque não passou de simples demagogia” (SILVEIRA, 1959 P. 38).

UNIDAD | HISTORIA Y CRÍTICA

Mindlin (1956). Henrique Mindlin tem um espaço privilegiado na historiografia da arquitetura moderna brasileira, como arquiteto e como autor de um dos mais importantes trabalhos sobre arquitetura moderna no Brasil. É o autor de *Modern Architecture in Brazil*, publicado em 1956 e uma baliza fundamental para uma matriz historiográfica que se tornou recorrente na narrativa dos desdobramentos da arquitetura moderna em terras tropicais. Um trabalho posterior do mesmo autor permanece, no entanto, pouco comentado – aparecendo como referência, ao que tudo indica, somente no livro de Evenson. Mindlin publicou em 1961 um volume de dimensões reduzidas denominado *Brazilian Architecture*, resultado de uma série de conferências que realizara no Royal College of Art.

O livro de 1961 é seguramente uma espécie de desdobramento das publicações feitas em 1943 e 1956². *Brazil Builds*, o primeiro dos três livros, publicado em 1943, é uma apologia da arquitetura brasileira³. Em um trabalho ricamente ilustrado Goodwin apresenta as especificidades da arquitetura que se desenvolveu no Brasil, desde as primeiras construções realizadas no período colonial até as então recentes experiências modernas, que vinham chamando a atenção e colocava o país em um seleto grupo de países que possuíam uma contribuição singular para a arquitetura moderna. Aí apareceria, ainda de maneira sutil, o ‘abrasileiramento’ da arquitetura moderna, característica reforçada por toda a historiografia da arquitetura que destaca a produção de uma linhagem carioca. *Modern Architecture in Brazil*, de 1956, é uma outra versão de *Brazil Builds*. É natural e esperado, portanto, que exista uma linha de influência clara entre as referidas publicações. Mesmo que o trabalho de Mindlin se dedique somente à arquitetura moderna ‘atualizada’ – os exemplares que haviam sido construídos entre 1943 e 1956 e que não constavam no trabalho de Goodwin -, o texto é precedido de uma introdução onde a arquitetura brasileira não moderna (o colonial e o barroco) aparece de forma a construir e reforçar a fórmula, desde então disseminada, de uma arquitetura brasileira, que funde a tradição local com a arquitetura moderna internacional. O livro de 1961 reforça a narrativa construída tanto pelo *Brazil Builds* como pelo *Modern Architecture in Brazil*, apresentando Brasília como um desdobramento de uma genuína linhagem arquitetônica que se desenvolvera em terras tropicais. O percurso construído por Mindlin é semelhante às publicações anteriores. No capítulo inicial analisa o barroco brasileiro, em uma segunda parte discute a ‘arquitetura internacional aplicada nos trópicos’, e, finalmente, em um capítulo final, formula a sua leitura sobre a nova capital brasileira.

É absolutamente necessário observar que a linha de análise e interpretação da arquitetura brasileira realizada por Norma Evenson é certamente relacionada às publicação de Goodwin e Mindlin. Toda a chave de interpretação da arquitetura moderna que se desenvolveu no Brasil é devedora da ideia de um ‘modernismo

2-Sobre o papel dessas publicações na constituição de uma trama narrativa da arquitetura moderna brasileira, consultar MARTINS (1987).

3-Iso fica evidente em passagens como a copiada a seguir, onde existe uma visão promissora da arquitetura brasileira. “O Brasil lançou-se numa aventureira mas inevitável corrida. O resto do mundo pode admirar o que foi feito até agora e ver que as melhores coisas serão produzidas à medida que o tempo passar” (GOODWIN, 1943 P. 103).

UNIDAD | HISTORIA Y CRÍTICA

abrasileirado', um olhar singular das vanguardas europeias aplicadas aos trópicos. Isso fica claro, por exemplo, em um capítulo denominado *The Brazilian Architect*, onde a autora traça um percurso muito semelhante às narrativas apresentadas pelos livros de 1943, 1956 e 1961. É também possível destacar que no prefácio a autora afirma "In my consideration of Brazilian architecture, unusually generous assistance was given by Henrique Mindlin, whose experience, wisdom, and candor were of immeasurable value" (EVENSON, 1973 P. XVI), destacando uma relação pessoal entre a autora e o arquiteto brasileiro.

Todos os textos e livros são balizados por referências particulares de cada autor, e Evenson mostra as suas afinidades com clareza em *Two Brazilian Capitals*. Prova disso é a existência de outros trabalhos contemporâneos que olham o fenômeno da arquitetura brasileira com lentes diferentes e que não são a base de argumentação da autora. Entre esses livros podemos citar o trabalho de Gilberto Freyre (*Brasília, Brasil*, Brasília, de 1960). Diferentemente de autores como H. Mindlin, Freyre questiona o ideário, construído por Juscelino Kubitschek e pelos teóricos do desenvolvimentismo, de uma nova capital que abriria possibilidades de interconexões regionais, estimulando o desenvolvimento do interior do país. O reconhecimento da importância desse processo - a interiorização do país - não lhe permite aceitar a versão romântica da estratégia apresentada por Kubitschek para desenvolver aquela região do país. Freyre reconhece que "Brasília, representa uma nova perspectiva para o Brasil inteiro: a perspectiva de um Brasil verdadeiramente inter-regional no seu modo de ser Nação" (FREYRE, 1961 P. 153). Para ele, essas transformações deveriam estar "processando menos como realizações quase isoladamente urbanísticas que como esforços de integração, além de nacional, transnacional" e ainda enfatiza que "Brasília não é para ser considerada um puro problema de arquitetura" (FREYRE, 1961 P. 154). Assim, *Brasília, Brasil*, Brasília é, salvo melhor juízo, o primeiro livro que apresenta uma versão crítica à transferência da capital do país⁴. Outros livros, como as publicações de Wolf Schneider (1963) e Edmund Bacon (1967), foram feitas próximas da época do livro de Evenson – e, assim como o trabalho de Freyre, apresentam leituras variadas e muitas vezes críticas à nova cidade feita por JK. Esses trabalhos deveriam ser retomados, pois contêm leituras que a atual historiografia e muitos de seus pesquisadores abandonaram por completo.

Um último trabalho feito na virada dos anos 60 para os 70 chama a atenção por optar pela análise de Brasília a partir de sua realidade construída e seus respectivos desdobramentos espaciais e sociais. O trabalho de José Pastore (*Brasília: a cidade e o homem*, 1969) objetiva enxergar o empreendimento da nova capital com base no seu desenvolvimento real, ao longo de alguns anos após a sua inauguração - e, portanto, desenvolvem um olhar até então inexistente para a nova capital. Esta bibliografia é menos conhecida dos arquitetos, não aparecendo com frequência nas

4-Como já indicamos, foi recorrente na historiografia da arquitetura moderna brasileira a apologia da chamada 'escola carioca' como uma produção arquitetônica que reforça os 'vínculos' entre arquitetura moderna e raízes coloniais, valorizando e atualizando aspectos construtivos nacionais. O autor de *Casa Grande Senzala* não endossa essa perspectiva de análise, e considera Brasília um objeto arquitetônico desconectado da cultura brasileira local, que ignora a diversidade cultural do país em favor de um desenho urbanístico e arquitetônico universalizante.

publicações da área. Apesar disso, é nítida a referência que o livro de James Holston (A cidade modernista. Uma crítica de Brasília e sua utopia, 1993) faz a esse trabalho.

José Pastore se interessa pelas singularidades de uma cidade construída artificialmente, principalmente quando se considera o volume de migrações que uma nova capital – até então distante dos outros centros do país – atrai. Brasília: a cidade e o homem é apresentada como “uma tentativa de examinar as primeiras reações de uma população submetida a um experimento social planejado” (PASTORE, 1969 P. 2). O livro é resultado de uma extensa pesquisa de caráter sociológico, que buscou entrevistar a população migrante de Brasília, se propondo a interpretar o nível de satisfação dos novos habitantes da cidade e suas respectivas condições econômicas. É possível afirmar que o estudo de Pastore conclui que a satisfação dos moradores de Brasília é superior ao existente em outras cidades do país, ainda que este dado seja modulado segundo diversas variáveis (como nível de escolaridade, posição social e local de residência). A referência (muitas vezes familiares e amigos) que baliza o grau de satisfação dessas populações também é subjetiva e configura uma análise a partir de experiências pessoais. Como lembra o autor: “De fato, as variáveis de percepção baseadas em comparações com grupos de referência mostraram-se muito mais importantes do que as realizações objetivas dos migrantes na explicação de seu nível de satisfação e ajustamento na área” (PASTORE, 1969 P. 117).

OS trabalhos posteriores

É uma possibilidade, após análise dos trabalhos mais recentes que se debruçam sobre a nova capital do país, concluir que as novas publicações, em sua grande maioria, insistem de alguma maneira na narrativa elaborada por Norma Evenson há quase cinco décadas atrás. Mesmo que hoje existam uma diversidade muito maior de textos e autores que se dedicam a escrever sobre a arquitetura moderna brasileira – e apresentando muitas matrizes e olhares – a perspectiva de Evenson permanece em uma quantidade enorme de trabalhos. Este tópico não busca esgotar este assunto, mas destacar similaridades entre uma parte considerável da historiografia da arquitetura brasileira mais recente e uma narrativa presente em *Two Brazilian Capitals*⁵.

Um olhar para os trabalhos feitos desde 1973 leva a curiosa constatação: são, indiscutivelmente, trabalhos com textos invariavelmente maniqueístas. Muitos dos livros, muitas vezes não escritos por arquitetos, se dedicam ao estudo das periferias e das contradições da cidade planejada e a cidade vivida, que foi se consolidando à borda do projeto de Lucio Costa. Ainda que uma expressiva quantidade deles seja muito bem escrita e tragam informações importantes estão presentes em grande

5-Em um levantamento inicial realizado para a pesquisa que originou este artigo foram encontrados cerca de uma centena de livros publicados sobre Brasília entre os anos de 1959 e 2014. O número é assustador pela quantidade, e deve-se ainda considerar que este levantamento levou em conta apenas os volumes disponíveis em bibliotecas da Universidade de São Paulo – ou seja, o número tende a ser ainda maior. De todo o levantamento averiguamos que mais de 80% delas haviam sido redigidas após a publicação de *Two Brazilian Capitals*.

quantidade e marcam presença de maneira definitiva. Outros são livros sobre a arquitetura da cidade em si, dedicadas ou a sua apologia (uma forma apaixonada de ver a cidade moderna) ou a olhares para partes específicas dela – relações da cidade e patrimônio, das novas edificações e das formas arquitetônicas mais conhecidas da cidade. Para o presente artigo interessa, entretanto, observar que prevalece, mesmo após todos estes anos um olhar para a arquitetura como forma construída, de um lado, e para a população que habita este espaço, de outro (em olhares que muitas vezes se posicionam em conflito). O andamento da pesquisa deverá adentrar melhor nesses temas, mas é correto perceber que esta estrutura – a arquitetura X a periferia, ou seja, a o projeto e a realidade – já está presente no livro de Norma Evenson (que certamente a tomou dos livros de Mindlin e Goodwin). Ainda que existam vários trabalhos que fogem dessa regra, podemos dizer que são a estrutura dominante de como se olha o objeto Brasília.

Vale destacar e exemplificar essas recorrências. Por exemplo: nos últimos anos foram publicados três livros sobre o concurso da capital - os livros de Jeferson Tavares (2014), Milton Braga (2010) e Aline Costa (2011). Ainda que cada um dos trabalhos busque olhar para o concurso com lentes e recortes diferentes, é inegável que existe um interesse no concurso do Plano Piloto – que pode ou não ter como base o livro de Evenson. Entretanto, é indiscutível que é uma abordagem inaugurada por ela, encabeçada por sua publicação e onde o concurso aparece em local de destaque. O livro de Alberto Xavier e Julio Katinsky (2012) traz uma compilação fabulosa de autores que escreveram artigos sobre a cidade. Entretanto, possui uma estrutura que tangencia as decisões tomadas por Norma Evenson em sua publicação. Ainda que existam vários artigos que busquem novos olhares, percebemos que os tópicos são organizados de acordo com ‘os projetos’, ‘os autores’, ‘A consolidação da cidade’ e ‘Brasília estabelecida’ – a conhecida estrutura arquitetura e cidade em uso. Muitos dos textos são também presentes nos levantamentos presentes em *Two Brazilian Capitals*. Os livros de fotografia também denunciam muito de um olhar centrado nesses dois pontos de observação, como o feito por Lina Kim e Michael Wesley (2010), onde prevalecem fotos da construção da cidade, do operário, dos canteiros e de sua arquitetura de vertente moderna.

Quais percursos?

Os tópicos anteriores trabalharam discussões em algumas linhas principais. A principal delas é que a análise da historiografia sobre a cidade de Brasília – um olhar para os livros publicados sobre a Nova Capital – indica um livro ‘chave’, uma inflexão e uma ruptura nas narrativas: o livro *Two Brazilian Capitals*, de Norma Evenson. A interpretação de que esta publicação seria uma narrativa distinta das anteriores se sustenta quando analisamos a profundidade do trabalho de pesquisa feito pela autora e o perfil historiográfico presente no trabalho – algo que as outras publicações anteriores não possuem. Entretanto, mais ainda importante, é perceber como *Two Brazilian Capitals* reverbera nas publicações atuais e nos trabalhos mais recentes redigidos sobre a Nova Capital. A constatação nos leva a uma única via: quais seriam as outras perspectivas possíveis para interpretar o acontecimento de Brasília? Até

UNIDAD | HISTORIA Y CRÍTICA

que ponto os livros vistos como seminais balizam os trabalhos realizados na área de história da arquitetura?

Em primeiro lugar, é importante considerar que se sabe muito pouco sobre a construção da capital do ponto de vista do projeto e sua elaboração. Algumas informações podem ser encontradas nas entrelinhas de alguns trabalhos, mas falta uma leitura panorâmica de como atuou o escritório de Niemeyer na Novacap. Quem foram os colaboradores nos projetos? Como foram feitos os projetos executivos? Onde foram desenhados, no Rio de Janeiro? Quem eram os coordenadores? Onde estão os desenhos técnicos para a construção dos edifícios principais da cidade? Existem atas de reunião desses projetos – como fazem muitos dos escritórios de arquitetura? É indiscutível que sabemos apenas o nome das figuras centrais da Novacap e que Niemeyer atuou como um arquiteto empregado pela companhia estatal responsável pelas obras da cidade. Toda a narrativa da construção da cidade insiste na leitura comum do arquiteto ‘criador’, habilmente construída por Niemeyer e seus herdeiros – uma versão romântica da profissão do arquiteto, nociva e muito perigosa para a imagem pública desses profissionais. Como todos sabem, qualquer obra de arquitetura encara problemas de orçamento, de construção, de interferência do cliente. O que sabemos de Brasília não encara essa dimensão oculta do projeto de arquitetura.

Terceiro ponto: O concurso foi fraudado? Este é um tema relativamente recorrente, que aparece sempre de forma muito pouco aprofundada e que é rapidamente ‘abafado’. Talvez a declaração mais interessante a respeito tenha sido fornecida por Jorge Wilheín a Jeferson Tavares (2014), afirmando que sua proposta para o Plano Piloto jamais fora aberta pela comissão julgadora. Também é muito curiosa a não participação de nomes importantes da arquitetura brasileira naquele momento (em especial a ausência dos grandes nomes da arquitetura carioca de então). Onde estariam Roberto Burle Marx, Reidy e Sergio Bernardes? Porque não participaram do concurso, em outras equipes ou em escritório próprio? Também é absolutamente incômoda a leitura do memorial do Plano Piloto de Lucio Costa como um fato dentro da realidade e normalidade. É impossível negar que o tom do texto é uma desconfortável mistura de modéstia e heroísmo – aliás, já passa o momento de desconsiderarmos Lucio Costa como a figura ‘cordial’, ‘generosa’ e ‘despretensiosa’ que lhe é oferecida parte dos textos sobre a arquitetura brasileira.

Também desconhecemos os projetos das cidades satélites, bem como seu desenvolvimento, fundação e organização espacial. É completamente absurdo pensar que a discussão das cidades construídas na periferia do Plano Piloto ficou apenas dentro do debate sobre a desigualdade social e exclusão no Brasil e na capital que deveria ser a esperança para um país subdesenvolvido. É verdade que muitos loteamentos feitos no Distrito Federal se limitam a um desenho ruim, mas alguns exemplares são realmente surpreendentes pela inventividade. No setor Nordeste do DF temos, por exemplo, um loteamento onde as casas tem acesso de pedestre via parque, e os acessos de automóvel acontecem na extremidade oposta, em ruas sem calçadas – uma versão muito interessante do desenho urbanístico moderno, dificilmente desenhada sem um arquiteto por trás de sua concepção. Também não deveria ser ignorado o fato de que muito do que chamamos de ‘periferias’ de Brasília se assemelham a muitos outros bairros de classe média/ média baixa espalhados por

todo o Brasil – e deve ser lembrado que habitações precárias em madeira, por exemplo, não são nem um pouco comuns nos arredores de Brasília.

Referências

- BACON, Edmond (1967). D'Athènes a Brasilia. Paris: Editora Lausanne.
- BACON, Edmond (1967). Design of cities. Londres: Thames and Hudson.
- BRAGA, Milton (2010). O concurso de Brasília. São Paulo: Cosac Naify.
- COSTA, Aline (2011). (Im)possíveis Brasília. São Paulo: Alameda.
- EVENSON, Norma (1973). Two Brazilian capitals. Architecture and urbanismo in Rio de Janeiro and Brasília. New Haven and Londres: Yale University Press.
- FREYRE, Gilberto (1960). Brasis, Brasil, Brasília. Lisboa: Edição Livros do Brasil.
- GICOVATE, Moises (1959). Brasília: uma realização em marcha. São Paulo: Melhoramentos.
- GOODWIN, Philip (1943). Brazil Builds: architecture new and old 1652-1942. Nova York: Moma.
- HOLSTON, James (1993). A cidade modernista. Uma crítica de Brasília e sua utopia. São Paulo: Companhia das Letras.
- KATINSKY, Julio; XAVIER, Alberto (2012). Brasília: Antologia crítica. São Paulo: Cosac Naify.
- KIM, Lina; WESLEY, Michael (2010). Arquivo Brasília. São Paulo: Cosac Naify.
- MARTINS, Carlos Alberto Ferreira (1987). Arquitetura e Estado no Brasil: elementos para uma investigação sobre a constituição do discurso moderno no Brasil; A obra de Lucio Costa 1924/1952. Dissertação de Mestrado. FFLCH/USP, São Paulo.
- MINDLIN, Henrique (1956). Modern architecture in Brazil. Rio de Janeiro: Colibris.
- MINDLIN, Henrique (1961). Brazilian architecture, Baroque across the seas. International architecture in the tropics. Brasília: dream or reality? Londres: Lethaby Lectures.
- ORICO, Osvaldo (1960). Brasil, capital Brasília. Rio de Janeiro: Serviço gráfico do IBGE.
- SILVEIRA, Peixoto da (1959). A nova capital: Por que, para onde e como mudar a capital federal. Rio de Janeiro: Pongetti.
- TAVARES, Jeferson, (2014). Projetos para Brasília 1927-1957. Brasília: Iphan.
- PASTORE, José (1969). Brasília: a cidade e o homem. Uma investigação sociológica sobre os processos de migração, adaptação e planejamento urbano. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- SCHNEIDER, Wolf (1963). Babylon is everywhere. The city as a man's fate. Londres: Hodder and Stoughton.
- SCHNEIDER, Wolf (1961). De Babilônia a Brasília. Las ciudades y sus hombres. Barcelona/Madrid: Editorial Noguer.